



PALAVRAS PROIBIDAS: UMA LEITURA DE “O INCOMPREENSÍVEL” DE CARRY VAN BRUGGEN

Alecrides J.R.C.B. de Senna¹

RESUMO: Utilizando como mote o conto “O incompreendido” da escritora holandesa Caroline Lea de Haan (1881-1932), o artigo discute a questão do assimilacionismo e do antissemitismo, tendo como base os textos *Antissemitismo* e *O judeu como pária* de Hannah Arendt (1906-1975) e *Do anti-sionismo ao anti-semitismo* de Leon Poliakov (1910-1997).

PALAVRAS-CHAVE: Carry van Bruggen; Literatura; Antissemitismo; Assimilacionismo.

ABSTRACT: Using as motto the writer Caroline Lea de Haan (1881-1932) tale “The misunderstood”, this paper discusses assimilationism and anti-semitism, with Hannah Arendt’s (1906-1975) works *The Jew as Pariah* and *Antisemitism* and Leon Poliakov’s (1910-1997) *De l’antisionisme à l’antisémitisme* as basis.

KEYWORDS: Carry van Bruggen; Literature; Antisemitism; Assimilationism.

O menino aponta os seus lápis no pátio da escola durante o recreio, enquanto faz sérias reflexões para seu jovem intelecto. Ele sofre por ser diferente, por não poder fazer tudo, por não poder dizer tudo. Sofre porque percebeu a dimensão da sua diferença, mesmo no seu nível infantil de percepção. Ele é judeu. É ‘xingado’ de judeu. Quando é informado desses ultrajes, seu pai escreve bilhetes ao professor solicitando intervenção. Mas, a maior provação do menino estava por vir: ele teria que declarar diante da turma que ele era judeu. Aquela palavra usada para ultrajá-lo era, de fato, o que ele era: judeu. “As judiazinhas voltaram”, diziam as polonesas quando viram as moças judias retornando dos campos de concentração nazistas – como atesta o relato de Bella Herson (2009). E o menino do conto de Van Bruggen ouvia, sem ser percebido: “E os garotos o atormentavam tanto... e o professor... não o tinha escutado murmurar, quando pediu dispensa para o aniversário do avô... ‘sempre essa choradeira de judeu’. Claro que tinha ouvido, e bem claramente” (2017, p.102)

ASSIMILACIONISMO, SIONISMO E ANTISSEMITISMO

Grandes escritores e pensadores tiveram um dilema semelhante desse garotinho. O grande escritor Heinrich Heine (1797-1856), nascido Harry Heine, sentiu a rejeição à sua condição de judeu e, para além do ultraje, resolveu submeter-se ao batismo e tornar-se cristão protestante, passando a se chamar Christian Johann Heinrich Heine em 1825. Mas ele não encontra as portas da Europa abertas para ele. Segundo Terry Pinkard (2010), ele era celebrado enquanto escritor, mas sua origem judaica ainda o fazia receber olhares de soslaio, não sendo aceito para os cargos que pretendia ao contrário de seu amigo Eduard Gans, que teve mesmo uma lei apelidada com seu nome, *lex gans*, que proibia judeus de assumirem cargos na universidade.

Essa é uma discussão que precisa de mais do que generalizações, pois relações macro e micro interceptam o caráter, mas não definem suas ações. As crianças que agrediam o menino da história de Carry Van Bruggen tinham a opção de não agredir, mas as relações do meio em que viviam cobravam a agressão como moeda de pertença. Era preciso agredir para fazer parte do grupo. Olhando ao nosso redor, parece que o mundo não mudou muito, a despeito de todos os discursos de aceitação do Outro, do diferente², apesar das guerras que foram empreendidas e mesmo após os massacres dos campos de concentração nazistas.

Carry van Bruggen era o pseudônimo de Caroline Lea de Haan (1881-1932), escritora holandesa de origem judaica e irmã do famoso e um tanto polêmico, Jacob Israël de Haan (1881-1924), que escreveu, segundo Dago (2017), o primeiro romance considerado explicitamente homossexual da Holanda. Caroline, por sua vez, alcançou a fama somente após sua morte.

Hannah Arendt (2016) argumenta em seu texto *O Antissemitismo* que a assimilação não é bem o melhor caminho. De acordo com ela, essa foi a opção que alimentou o antissemitismo alemão. Os assimilacionistas foram causadores de inúmeros estragos, inclusive quanto à rejeição dos judeus pobres e à ideia de que todo judeu é rico – consequentemente. Em sua luta contra a discriminação por causa do estereótipo religioso, criaram-se elementos que alimentaram o estereótipo moderno do judeu.

Tornarem-se também um 'igual a todos os outros' é um paraíso ilusório para aqueles que querem se desvencilhar das discriminações de que se é alvo. O assimilacionismo, segundo Arendt (2016), só serviu para rizomar ainda mais o antissemitismo. Ele criou barreiras dentro e fora da comunidade judaica alemã, como na França. Entretanto, as coisas não são tão difíceis do lado esquerdo do rio, quanto do lado direito, nem igualmente fáceis. Muitas discriminações são originárias de um

sadismo que parece corroer inúmeras pessoas, independente de qual grupo gritam seus improperios. Pessoas que precisam humilhar e massacrar para sentirem-se superiores. Atribuem ao alvo de suas agressões todo tipo de humilhações que imaginam fazer efeito³.

O texto da Arendt é de 1940 e o texto de Bruggen é de 1907! Ainda assim é incoerente argumentar contra as conexões que existem em se tratando das relações entre o ódio aos judeus na Idade Média⁴ e do antissemitismo no século XIX em diante. Pois uma questão fundamental aí está nas reflexões do menino de Bruggen: porque eu sou diferente? Porque todo mundo diz o que quer e faz o que quer, e eu não posso fazer?

Para além da discussão micro – que seria um assunto mais para a disciplina da Psicologia – o que está em questão é o reconhecimento da diferença. O menino ressentia-se de ser ofendido com a palavra 'judeu'. Mas, no momento em que tem que abrir a boca para admitir que é um – e por isso não poderia dizer o nome Jesus em voz alta – é que ele se depara com uma situação um tanto difícil.

Tanto em Arendt (2016) quanto em Bernardo Sorj (2010), o 'problema' está na situação de estrangeiro, na ideia de 'um povo judeu', uma nação judaica que transcende os limites do Estado Nação. As ideologias que definem 'um povo' são um paradoxo dentro dos limites da concepção de Nação. E foram elas as responsáveis pela discriminação de elementos constituintes dessas nações europeias (onde essas ideologias se desenvolvem numa concepção moderna). Por isso Hitler parecia falar obviedades – repetindo clichês – que grudaram nas mentes e corações da população alemã⁵. É o mito da morte misericordiosa na fala de uma mulher que diz que Hitler dará uma morte misericordiosa aos alemães com o gás, caso a Alemanha perdesse a guerra, citado por Arendt (1999, p.126-7).

Na época de Heine falava-se em uma judaização da população europeia. Wilhelm Marr é apontado por Arendt como sendo o homem com maior fração de responsabilidade pelo antissemitismo moderno (2016, p.206), dissociando-o do ódio religioso e colocando-o como algo anterior e que se relaciona a uma luta pela sobrevivência. O que em Sorj (2010) aparece como um cosmopolitismo, uma capacidade de conviver com intempéries e com as condições de intelecto judaico, ou seja, virtudes dos judeus que não eram cultivadas pelas populações europeias da Idade Média.

O processo, por conseguinte, não tinha a ver com uma judaização da população, e sim com uma globalização em curso que iria desenraizar as populações no geral. Não era apenas inevitável devido aos conflitos, crises e mudanças no meio econômico e cultural. Qualquer recurso compreensivo à linha da história, olharemos

como o anjo da história de Benjamin⁶, atordoados com a visão do inferno.

O que os judeus foram obrigados a desenvolver devido à sua condição de eternos migrantes em territórios que os expulsavam voltou-se para eles como um peso, uma acusação. Os assimilacionistas lutavam por aceitação, rejeitando, entre outras coisas, a ideia de um povo judeu. Na Alemanha eram alemães, na Polônia: poloneses, na França: franceses, na Holanda: holandeses. E judeus. Não judeus como povo e sim judeus de uma religião judaica. Reformaram o judaísmo e abriram suas casas para a intelectualidade e diversidade como Rahel Varnhagen (1771-1833)⁷. Esses mesmos judeus dos 'salões' não se sentiam parte da judiaria pobre da Europa Oriental – judeus religiosos, trancados no próprio mundo.

Arendt (1999; 2016) e Sorj (2010) dizem que, o que seria uma possível solução para a chamada "Questão judaica" – para os sionistas, para Stalin, para os alemães era colocar um pedaço de chão sob os pés dos judeus na Europa ou na Palestina. Equivalente a trocar seis por meia-dúzia na visão de Arendt, pois o "sionismo substituiu a ilusão assimilacionista de um povo unificado pela ilusão de uma substância unificada e eterna" (2016, p. 190).

Foi assim com as deportações no início da guerra, que Hitler disfarçou seu plano de extermínio: a prática de manejar populações inteiras – nada nova, da qual os judeus já haviam sido alvo pelo império Babilônico, Persa e Romano. A pureza de sangue defendida pelos Inquisidores e repetida pelos nazistas, por isso mesmo, é uma grande balela⁸. Uma falácia repetida como se a humanidade fosse destituída de memória – e, pelo visto, nem mesmo a memória escrita é capaz de salvar as almas inocentes.

Em *O judeu como pária* (2016), Arendt mostra quatro elementos: o judeu de Heine – *Schlemiel*, o senhor dos sonhos; o pária consciente, de Bernard Lazare; o suspeito, de Charles Chaplin, e, por fim, o homem de boa vontade de Franz Kafka. Enquanto o primeiro zomba do mundo 'normal', enquanto alguém de fora, o segundo deveria lutar contra o opressor e igualmente contra o judeu *parvenu*⁹. O terceiro consegue flutuar na sociedade fugindo do opressor e driblando sua opressão. O quarto possui a escolha de ser protegido, ao mesmo tempo sendo excluído; desejoso de ser parte da sociedade judaica, ele rejeita a proteção, mas continua excluído por ela que acredita que o mesmo possui proteção (Arendt refere-se à história *O castelo*).

Os modelos são tentativas de entender a posição do judeu nos países em que permanece discriminado e de como lidar com essa discriminação. Por que não ser judeu? Arendt alega que este não pode ser considerado minoria *par excellence*, pois não o seria de fato. Ser minoria de fato e *de jure*? Os judeus da França são cidadãos franceses, membros de uma fé que os agrega, tanto quanto descendentes de indianos na Inglaterra, e tanto quanto descendentes de iranianos de religião muçulmana

no Brasil, ou filhos de japoneses no Brasil que nascem aqui e continuam com seus costumes.

De acordo com Bernardo Sorj, o esforço do sionismo após a Segunda Guerra, com a criação do Estado de Israel, tentou “criar uma nova cultura que desconhecia praticamente os 2 mil anos de exílio – apresentados como um período puramente negativo de perseguições e humilhações” (2010, p.97). Aboliram o ídiche, revitalizaram o hebraico e o secularizaram. Hoje se defende um judaísmo humanista cujas tradições são seguidas não por questões religiosas, mas puramente por costumes e o judaísmo religioso é considerado excludente (idem, p.157).

Os judeus, mais uma vez, abrem mão de si mesmos, de suas diferenças, em prol das diferenças alheias – dos outros – em busca de uma aceitação. Como o próprio Sorj defende: a cultura dos judeus europeus não pode ser ignorada em prol de uma vitimização de si. É antes lembrar a cultura, para lembrar o que foi perdido em razão de uma discriminação absurda.

Ecoa de um passado recente e urge atenção hoje; eis a advertência de Léon Poliakov: “Não denunciar o antissemitismo sob sua forma desarticulada e elementar, e justamente porque é desarticulada e elementar, não é dar atenção a todos os antissemitas da terra?” (2000, p. 92). Advertência essa que emerge de um meio muito peculiar que é a Rússia¹⁰, palco de inúmeros *Pogroms*¹¹ e de onde saíram muitos judeus em direção à Europa Ocidental.

A emancipação dos judeus acontece apenas na segunda metade do século XIX, da qual Arendt fala em nota de rodapé:

Os judeus alcançaram a emancipação política na Grã-Bretanha em 1866, na Áustria-Hungria em 1867, na Alemanha em 1869, na Itália em 1870, na Suíça em 1874, e na Rússia em 1917, mas só em 1919 na Polônia, na Romênia e nos países bálticos, onde tomou a forma de leis que regem minorias. (ARENDR, 2016, p.197).

Uma emancipação que se dá tão tardiamente em países considerados avançados não é um dado a ser ignorado e “não levou sequer 65 anos para passar de Marr, o fundador do antissemitismo moderno como movimento político, para a história de Hitler” (2016, p.198). Mais rápido impossível. O regime nazista não ignorava esses pormenores e sabia exatamente onde enfiar a faca para conseguir o melhor bife. Teve o apoio e a colaboração de muitas dessas nações, onde resistência era feita por alguns grupos que também não eram a favor do regime do próprio país - como no caso da Itália.

E ao comemorar setenta anos de criação do Estado de Israel, *Mein Kampf* foi novamente editado, publicado e exposto nas vitrines de livrarias, aqui mesmo no

Brasil. O governo de Israel é acusado de crimes humanitários pela própria ONU, que é incapaz de levantar esforços para combater o governo venezuelano e outros que cometem atrocidades contra o próprio povo, incluindo aí os palestinos. Os jornais acusam a ONU de perseguir o governo israelense. Ataques a sinagogas e comunidades judaicas acontecem em países europeus. Passeatas com bandeiras nazistas aconteceram nos EUA em 2017 e pessoas usam suásticas tatuadas no braço, aqui mesmo no Brasil¹². O mundo ainda parece muito com o mundo em que vivia Carry van Bruggen e que inspirou a sua história.

A angústia do menino tem um acusador no século XX: uma população de cento e quarenta mil pessoas, entre elas, 75% de estrangeiros, habitava a Holanda antes da Segunda Guerra. Ao término restavam dez mil judeus, a maioria era estrangeira. Difícil saber se entre eles estavam os parentes de Caroline Lea de Haan.

A SANTIDADE DAS PALAVRAS

A dimensão religiosa do conto fica, no entanto, submersa para aqueles que não têm conhecimento algum do judaísmo. Por que o menino não poderia pronunciar o nome “Jesus”? Nome que, a propósito, esse menino da história ignora. Qual era o problema? Ele está em casa estudando e o pai o ouve pronunciar. Imediatamente o repreende de uma forma que o garoto nunca tinha ouvido o pai falar.

O dilema do garoto continuava:

Oh, por que, pensou o menino, ele tinha que ser diferente dos outros... nunca normal... Sempre isso e aquilo. Todas as coisas que não se entendiam... e o pai apenas dizia que era preciso... pois Deus havia mandado em todos os judeus e ele era um judeu... Ele preferia não ter sido um judeu... e para Deus tinha sido fácil mandar, ele estava lá confortavelmente no céu e não estava na escola, muito menos na terceira série, e não era forte o bastante para brigar... ah... ele não podia brigar... mas também realmente não se atrevia. (BRUGGEN, 2017, p.102).

Porque o judeu tem uma missão no mundo, porque o povo de Israel tem a Torá, tem o Talmude, tem a *Mishná*, tem que comer *Kasher*, tem que etc. E, principalmente, todo o envoltório místico das palavras. Deus criou o mundo pela palavra. Ele usou as letras do alfabeto hebraico para criar o mundo, dizem os sábios do *Talmud*. Cada mundo possui uma Torá que a ele se revela¹³. Pela palavra o judeu honra ao seu Deus e cumpre sua missão no mundo: elevar as centelhas, elevar sua alma, elevar o mundo. Com a palavra o bem ou o mal é difundido:

No mundo em que vivemos, um mundo de tanta redundância viciosa e perigosa de linguagem, de conferências nacionais e internacionais, de reuniões de encontros políticos na sede das Nações Unidas, onde o verbo é usado para fomentar guerras frias e quentes, e não promove infelizmente aquele diálogo harmonioso para o bem-estar das nações, numa era em que o dom divino, a palavra, é profanada pelo palavão ordinário e grosseiro, a lição da santidade da palavra é importantíssima. Nunca antes se pecou tanto no abuso da palavra como atualmente. (DIESENDRUCK, 2011, p. 390).

Essa santidade da palavra é o que rege o dia a dia do judeu religioso, que tem em mente o cuidado do não desperdício. As palavras devem ser contadas, diz o rabino Diesendruck (2011, p.390), pois elas são a ligação entre a alma e o intelecto. A linguagem é a ponte entre o interior do homem e o exterior. De acordo com as anotações do Zohar, feitas por Ariel Bension (2006) A alma pura que vem de Deus, ao descer das regiões celestes para o mundo a fim de animar o corpo de uma pessoa, traz consigo cem bênçãos e o dever de ensinar ao homem a pronunciar-las¹⁴.

A relação do judeu com a palavra é a sua relação com a sua religiosidade, com o seu Deus e com o mundo. O nome Jesus é para ele o nome de um homem que os homens consideram um deus. Os judeus não aceitam a divindade cristã, e cristianismo para eles não é monoteísmo. Há um trecho do profeta Hoshe'a que diz que Deus tirará os nomes dos deuses dos outros povos da boca do povo de Israel¹⁵.

No contexto do conto, proferir o nome de Jesus seria o equivalente a proferir o nome de uma divindade. Sobre isso os *Tehilim*, ou Salmos, já advertem sobre não pronunciar o nome das divindades¹⁶. As crônicas hebraicas sobre as Cruzadas, traduzidas por Nachman Falbel (2001), são instrutivas sobre o imaginário judaico alemão em relação à figura de Jesus. A forte perseguição deu origem a uma literatura específica e reforçou a tradição dos livros de memória, os *Memorbücher*¹⁷, onde os nomes dos mortos eram escritos em memória.

A tradição judaica é fundamentada na memória, e esses livros são um exemplo. Para que os nomes dos mártires não fossem esquecidos¹⁸, eram lidos perante a congregação e por eles era rezado o *Kadish*. Sendo esta a prece pelos mortos, deve ser recitada por um período de onze meses – pois, segundo os sábios, é o tempo para que a pessoa seja esquecida e os parentes retornem à normalidade.

Outra prática desenvolvida na época em santificação ao Nome, *Kidush HaShem* (que dá nome ao livro de Falbel), consistia em um sacrifício ritual, após pronunciar o *Shemá*¹⁹. Essa prática, em especial, era uma forma de fugir não apenas dos assassinatos e violências cometidas pelos membros das Cruzadas e a turba que os

acompanhava, mas também a uma conversão forçada – como relatado neste trecho de uma crônica da primeira cruzada, escrita por rabi Eliezer Bar Nathan:

Naquele ano, caiu o Pessach no quinto dia do mês de Yar [3 de maio], no sábado, sexta e sábado. E no oitavo dia de Yar [6 de maio], no sábado, levantaram-se os inimigos sobre a comunidade de Spira e mataram dez santos mártires que haviam santificado seu Criador de antemão no dia santo do sábado porque não queriam aceitar as águas do batismo.

Lá se encontrava uma mulher piedosa, que se sacrificou santificando o Nome, e ela foi a primeira dos que se sacrificaram e foram sacrificados em todas as comunidades, e os restantes foram salvos pelo bispo sem serem batizados. (FALBEL, 2001, p. 127).

O *Shemá* começa com a frase: “Ouve Israel, o Eterno é nosso Deus, o Eterno é Um!”, recitado duas vezes por dia, uma criança já ouve no berço o pai recitar ao seu ouvido o *Shemá*. Caminhando com lâminas virgens e afiadas, atentos aos rumores das ruas, os religiosos judeus alemães da Idade Média, através do auto sacrifício, ‘Santificavam o Nome’ – ou, *Kidush HaShem*, como modo de manter a sua fé no Eterno.

Aparentemente, não foi uma prática difundida entre os marranos que hoje conhecemos e que seus filhos são os chamados *B’nei Anussin* (que significa ‘filhos dos forçados’). Os judeus holandeses, em grande parte, eram marranos ou fugidos da perseguição em Portugal e Espanha, onde foram submetidos ao batismo forçado e chamados de Cristãos-Novos. A época da invasão holandesa em Pernambuco trouxe muitos judeus para o Brasil²⁰.

Os marranos continuaram a praticar o judaísmo no segredo de suas casas. Os judeus holandeses que vieram para o Brasil fundaram a comunidade *Kahal Kadosh zur Israel*²¹, sob a responsabilidade do rabino Isaac Aboab da Fonseca (1605-1693). Após a expulsão dos holandeses, fugiram para os Estados Unidos da América, onde fundaram a primeira comunidade judaica da América do Norte.

O QUE ELA QUIS DIZER, AFINAL?

“Então pensou de novo que nunca ousaria... confessar em sala “eu não posso falar aquela palavra...”, confessar isso na presença de todos”, angustia-se o garoto, através das palavras de Van Bruggen (2017, p.104), pois isso seria admitir e ele não podia confessar ser um estranho, ser um judeu. Todo um dilema em torno da aula de leitura onde aparece uma palavra proibida para o garoto de origem judaica. Menino judeu que lia bem, com desenvoltura. Um menino judeu que apontava seus

lápis no recreio, preocupado com uma palavra que ele não poderia pronunciar, pois teria que denunciar a sua condição de estranho.

Os assimilacionistas que procuravam negar sua condição de judeus separavam-se dos religiosos, não se ocupavam do *Shabat* e das *mitsvot* que faziam parte do mundo judaico. Esse mundo estranho que o garoto não entendia, que os amigos da escola não entendiam, que o professor não entendia. Por que não poderia ser como os outros? Poder dizer qualquer coisa, fazer muitas outras coisas que lhe eram proibidas?

Segundo Falbel (2001) os judeus da Mogúncia se mataram para não serem iguais aos outros, aos que diziam o nome Jesus. Os judeus marranos pronunciavam o nome Jesus da boca pra fora, preservaram em segredo práticas que reportavam à religião de seus antepassados, como nos mostra Anita Novinsky (2015). Da porta pra fora eram iguais aos outros, da porta pra dentro eram estranhos. Mas os judeus não eram somente considerados estranhos, eram também estrangeiros. Estrangeiros em suas pátrias de nascimento, pátrias que eles amavam e que os consideravam como pátrias.

O incompreendido ainda não compreendia o que significavam as preces que recitava todos os dias em hebraico que, como diz o rabino Menahem Diesendruck, “os homens declaram na oração a Unidade do Santo Nome com amor e reverência, a obscuridade da terra desaparece, e se revela a paz do Reino Divino para iluminar o Universo inteiro” (2011, p. 422). Ele ainda era um menino da terceira série, ainda não era um *Bar Mitsvah*²²; apenas quando chegasse aos treze anos, seria capaz de compreender o sentido de tudo o que vivia, o sentido de ser chamado de judeu.

Nos dias atuais, as manifestações antissemitas que emergem do meio social não são em decorrência de casos isolados. Trata-se da persistência de elementos que se preservam na obscuridade em diversas práticas e discursos dos quais não sentimos repulsa, em vista de não identificarmos. É uma questão de ignorância que só pode ser combatido através da educação.

O texto de Carry van Bruggen não é um mero retrato de uma sociedade de uma época, ou país. A angústia do garoto não é sentida apenas por judeus e sim por todo estrangeiro, todo indivíduo que não se sente encaixado no discurso oficial de identidades que se digladiam em torno de lutas políticas. Educação é uma chave que abre múltiplas portas, para múltiplos caminhos. Insistimos em jogar as chaves no fundo do Lete, e lamentamos como Carry van Bruggen e o garoto: “E pensou triste que realmente se ousava fazer nada na escola” (2017, p. 101).

NOTAS

- ¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Pesquisadora associada ao Centre dês Recherches Internationales sur l'Imaginaire – CRI2i. Membro do grupo de pesquisa Mythos-Logos – UFRN.
- ² Inclusive a filosofia de Emmanuel Lévinas (1906-1995). Recomendo a leitura de seus textos que compõe o livro *Entre nós: ensaios sobre a alteridade* (veja a referência ao final do artigo).
- ³ Aqui tenho em mente as restrições infligidas aos judeus nos vários países europeus, onde se seguiram as invasões nazistas.
- ⁴ Veja o estudo de Nachman Falbel *Kidush HaShem: Crônicas Hebraicas sobre as cruzadas* (2001).
- ⁵ Veja que diz Arendt em *Eichmann em Jerusalém* (1999) que ele morreu repetindo os clichês que repetiu durante todo o julgamento.
- ⁶ Ver BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. (2012). Especialmente as Teses sobre o conceito de História.
- ⁷ Ver o texto *Salão de Berlim*, IN: ARENDT, Hannah. *Compreender* (2008).
- ⁸ Ver SENNA, Alecrides J. R. C. B. *Reflexões sobre anti-semitismo: o elemento português em Casa Grande e Senzala*. (2010).
- ⁹ Referência à *parve*, neutro – que nesse caso seriam os assimilados. Esse termo possui significado religioso na observância de *kashrut* – as regras de alimentação.
- ¹⁰ O texto de Poliakov apresenta não apenas o antisemitismo e antissionismo em seu país, ele analisa também aspectos desses fenômenos da Polônia, França e no meio árabe, que não incluo neste texto para não fugir ao foco da discussão.
- ¹¹ Os Pogroms eram massacres organizados contra as comunidades e bairros judeus, semelhantes ao que ocorreu na *Kristallnacht*, ou Noite dos Cristais – na Alemanha, em novembro de 1938.
- ¹² Nota que saiu no dia 15 de janeiro de 2018, emitida pela Federação Israelita do Rio de Janeiro - FIERJ, e divulgada pela página da Confederação Israelita do Brasil - CONIB, na rede social Facebook. Segundo a nota, um personal trainer estava frequentando a academia que funciona dentro das instalações da própria FIERJ.
- ¹³ Toda essa discussão pode ser vista no *Séfer Ietsirá*. Utilizo a versão comentada por Arieh Kaplan, editado pela Séfer (ver na bibliografia).
- ¹⁴ Especificamente na página 138 do texto de Bension. O *Zohar* é um dos livros mais importantes de mística judaica.
- ¹⁵ *Oséias 2:17*. *Hoshe'a* é o nome em hebraico.
- ¹⁶ Ver Bíblia, Salmos capítulo 16 e verso 4.
- ¹⁷ A tradução literal é “livros de memória”.
- ¹⁸ Como hoje o *Iom HaShoah* é o dia em memória às vítimas da Shoah (ou, Holocausto).
- ¹⁹ Na crônica de Eliezer Bar Nathan, citada neste artigo, algumas dessas imolações ocorrem após se recitar a bênção para a imolação ritual de animais (provavelmente referência à bênção que era feita nos sacrifícios realizados na época do Templo em Jerusalém).
- ²⁰ Sobre esses assuntos existem dois livros excelentes: “Os judeus no Brasil” (Keila Grinberg) e “Os judeus que construíram o Brasil” (Anita Novinsky) - veja a bibliografia.

- ²¹ Rocha Santa de Israel. Hoje o prédio da Sinagoga é um museu e ponto de referência da memória judaica no Brasil.
- ²² Idade em que o garoto judeu é considerado um homem e assume essa posição dentro da comunidade religiosa.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Escritos Judaicos**. Tradução de Laura Degaspere Monte Mascaro, Luciana Garcia de Oliveira, Thiago Dias da Silva. São Paulo: Amariyls, 2016.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BENJAMIN, Walter (2012b). **O anjo da história**. Organização e Tradução de João Barrento. Belo Horizonte-MG: Autêntica Editora (Coleção Filô/Benjamin)

BENSION, Ariel. **Zohar: o livro do esplendor**. Tradução de Rose Mehoudar e Rita Galvão. São Paulo; Polar, 2006)

BRUGGEN, Carry van. O incompreendido. IN: DAGO, Daniel (org). **Contos Holandeses (1839-1939)**. Tradução de Daniel Dago. Porto Alegre: Zouk, 2017.

DIESENDRUCK, Menahem. **Sermões**. 2ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GRINBERG, Keila (Org). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FALBEL, Nachman. **Kidush HaShem: crônicas hebraicas sobre as cruzadas**. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. 4ed. Tradução de Pergentino Pivatto *et al.* Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. 4ed. Tradução de Pergentino S. Pivatto *et al.* Petrópolis: Vozes, 2012.

NOVINSKY, Anita *et al.* **Os judeus que construíram o Brasil: fontes inéditas para uma nova história**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

PINKARD, Terry. Introdução. IN: HEINE, Heinrich. **História da religião e da filosofia na Alemanha e outros escritos**. Editado por Terry Pinkard. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Madras, 2010.

POLIAKOV, Leon. **Do Anti-semitismo ao Anti-Sionismo**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SENNA, Alecrides J. R. C. B. **Reflexões sobre o anti-semitismo: o elemento português em Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre**. Mneme - Revista de Humanidades.

Publicação do departamento de História da UFRN. 11 (27), 2010 (disponível em <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/833/770>). Acessado em 09 de julho de 2017.

SORJ, Bernardo. **Judaísmo para todos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.